



A atuação política de mulheres indígenas no Instagram e a ecologia da comunicação digital¹

Talita Aparecida Peixoto Dias²

Karol Natasha Castanheira³

Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal, MG

Resumo

Mulheres indígenas têm construído uma narrativa política importante no movimento indígena no Brasil. Percebendo isso, este artigo visa analisar as publicações feitas nos perfis do *Instagram* de três mulheres indígenas, centrais na luta política partidária e não-partidária indígena no país. Joênia Wapichana, que ocupa cadeira legislativa, é deputada Federal pela Rede Sustentabilidade, por Roraima desde 2019; Sônia Guajajara, do Maranhão, pleiteou o cargo para vice-presidente em 2018; e Célia Xakriabá, de Minas Gerais, filiada ao PSOL e está pré-candidata a deputada federal. Nesta pesquisa será analisada a construção do espaço político por meio do net-ativismo, fundamentado pela Ecologia da Comunicação Digital nas potencialidades da rede, fazendo registro da memória no *Instagram*. Seus registros são marcados pela defesa do território e libertação da tutela do Estado, (re)significando a plataforma e enfrentando o neocolonialismo cultural.

Palavras-chave

Ecologia da comunicação. Memória. Mulheres indígenas. Política brasileira. Redes sociais digitais.

Introdução

A ideia desta pesquisa surgiu com a iniciação científica financiada pelo Programa Institucional de Apoio à Pesquisa da UEMG (PAPq) realizada em 2019, intitulada “Povos Indígenas e Memória: A ecologia da comunicação digital indígena no Estado de Minas Gerais” e orientada pela professora Eliete da Silva Pereira. Essa pesquisa, à luz de uma ecologia da comunicação digital, mapeou os registros no Facebook produzidos pelos

¹ Trabalho apresentado no GP 03 Comunicação em Tempos de Crise e Interfaces Tecnológicas da III Jornada de Folkcomunicação da Amazônia.

² Graduanda do Curso de Jornalismo da UEMG, e-mail: dias.talita10@gmail.com

³ Orientadora da pesquisa. Professora do Curso de Jornalismo na UEMG, e-mail: karol.castanheira@uemg.br



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



povos indígenas situados no Estado de Minas Gerais, buscando, assim, investigar como esses povos incorporaram essa rede social, como forma de registro de suas memórias. A partir disto, a presente pesquisa tem a finalidade de estudar a forma como três mulheres indígenas ligadas à política, seja partidária ou em ações políticas não-partidárias – Célia Xakriabá, ativista de Minas Gerais, atualmente pré-candidata a deputada federal pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL); Joênia Wapichana, deputada federal – REDE e Sustentabilidade, por Roraima; e Sônia Guajajara do Maranhão, também filiada ao PSOL, ex-candidata à Presidência da República em 2018 – estão se comunicando por meio da mídia digital, Instagram. A ecologia da comunicação digital, por sua vez, engendra também o conceito de utilização das mídias sociais para o registro e defesa da memória de povos originários (DI FELICE; PEREIRA, 2017). Além disto, esta pesquisa busca refletir como o território em que habitam é expandido no momento que se inserem no mundo digital por meio de vídeos, fotos, textos, áudios ou através de qualquer outro conteúdo digital na Internet, contendo informações sobre sua cultura, território, espiritualidade, de sua cosmologia, e a partir disso, serem protagonistas no meio político como forma de reafirmar a importância dos povos indígenas para a construção política do Brasil e para manter de pé as florestas brasileiras, por entenderem que são parte desse ecossistema de coisas humanas e não-humanas.

Algo que se destaca nesta pesquisa, é que apesar de se tratar de três mulheres, esta não é uma pesquisa ligada ao gênero, mas sim ao protagonismo político que Célia, Joênia e Sônia têm dentro do cenário nacional e internacional. Sônia Guajajara, recentemente, foi lista pela Revista Time como uma das 100 pessoas mais influentes do mundo. Nas Eleições Gerais⁴ de 2018 houve crescimento de 56,47% no número de candidatos declarados indígenas, foram 133 candidaturas (TSE, 2019.), dentre estas estão Joênia Wapichana, eleita deputada federal pelo partido Rede Sustentabilidade, por Roraima, e Sônia Guajajara em 10º lugar no 1º turno para Presidência da República. As três foram linha de frente para a realização da I Marcha das Mulheres Indígenas em agosto de 2019

⁴ Eleições Gerais é o processo que elege por meio de votação direta em todo território brasileiro, deputados (as) estaduais e federais, senadores (as), governadores (as) e presidente da república.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



em Brasília. O evento reuniu cerca de 2.500 mulheres indígenas pertencentes a 130 etnias diferentes (Instituto SocioAmbiental – ISA, 2019), é notado, portanto, a força que o movimento de mulheres indígenas possui diante a garantia de direitos aos povos originários do Brasil.

Além da atuação dessas mulheres na articulação política do movimento de mulheres em manifestações como a Marcha das Mulheres em 2019 e 2021, em Brasília, tem-se identificado a significativa atuação delas no Instagram. Ambas possuem perfis nessa plataforma, por meio da qual estão conectadas com outros perfis de indígenas e não indígenas, , pessoas que atuam no cenário político nacional e internacional, entre ativistas, apoiadores e simpatizantes. Essa plataforma assume papel importante de articulação política, divulgação e de registro da memória. A realização dessa pesquisa, portanto, se deu pela análise do conteúdo publicado por cada uma delas em períodos diferentes de sua atuação política, considerando em grau de importância de ações nos anos de 2018, durante o primeiro mês de campanha nas Eleições Gerais de Sônia Guajajara para vice-presidenta do Brasil, e 2019, no mês de realização da I Marcha das Mulheres Indígenas – Território, Nosso Corpo, Nosso Espírito (Joênia Wapichana) e da Jornada Sangue Indígena - Nenhuma Gota Mais (Célia Xakriabá). É importante salientar que, estas mulheres tomam a defesa pela demarcação de território sua luta primordial e proferem seus discursos em diversos espaços, se tornando referência para a juventude indígena, que através do Instagram também constrói suas narrativas de ativismo pela defesa das florestas, rios, animais, ancestralidades, rituais e da vida de seus povos a quem pertencem e de parentes (indígenas de outras etnias).

Ecologia da Comunicação e Política nas Redes

Dentro das aldeias o acesso à internet é ainda um desafio, embora tenha melhorado devido à reivindicação dos mais jovens que motivaram o surgimento do programa Wifi-



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



Brasil⁵, atualmente com 15 mil pontos de acesso (AGÊNCIA BRASIL, 2021), em áreas rurais e florestais, sendo 460 aldeias indígenas beneficiadas pelo programa. Isto também facilita que a complexidade nas relações interpessoais e culturais, da cosmologia da relação entre o humano e o não-humano (animais, floresta, rios) no meio físico em que estão inseridos, “incorporarem as tecnologias digitais, [fazendo com que] esses povos operem ‘outras’ e ‘novas’ relações e vínculos, complexificando os fundamentos de suas cosmologias, em especial, a transgressão das fronteiras entre humanos e não humanos” (DESCOLA, VIVEIROS DE CASTRO, MOREIRA apud PEREIRA, 2018, p. 94).

Portanto, a ecologia da comunicação indígena incorpora as interações já existentes entre as diversas entidades pertencentes ao universo simbólico e ecológico de cada povo, estendendo-o ao ecossistema informativo das redes digitais em suas diversas linguagens (hipertextuais, sonoras, audiovisuais). Essa ecologia é indicativa de relações e complexidades que envolvem a polifonia de termos das expressões: *cultura, território, ativismo* (luta pela terra e por direitos), *memória, sagrado e comunicação*. (PEREIRA, 2017).

A relação que era estabelecida com o território e outros seres vivos passa a ser também digital com a chegada da internet, que transforma códigos binários (as sequências 010101) de toda a face planetária e interplanetárias em *bits* (DI FELICE; FRANCO, 2017). Essa digitalização da vida ocorre também na cultura indígena por meio de suas experiências cosmológicas e vivências diárias registradas em plataformas digitais como o *Instagram*.

O advento das redes digitais e das arquiteturas informativas digitais impulsionou, nos últimos anos, no mundo inteiro, um processo de transformação que supera os aspectos sócio-comunicativos para níveis de mudanças mais profundas que remetem, entre outras coisas, os processos de digitalização das territorialidades, dos ecossistemas e de suas populações. (DI FELICE; PEREIRA, 2017, p. 58).

⁵ Vigente desde 2018. O Wi-fi Brasil é um programa do Governo Federal desenvolvido pelo Ministério das Comunicações e conta com a parceria da Telebras. É direcionado para comunidades em estado de vulnerabilidade social. Mais de 460 aldeias indígenas são atendidas pelo programa.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



É possível notar esta digitalização das territorialidades, ecossistemas e populações, dentro das mídias sociais das três mulheres, fontes centrais desta pesquisa. As redes transcendem os registros das memórias de um só povo e vai muito além da exacerbação do eu, passando a ser um canal que dá voz a diversos povos indígenas brasileiros pela função política que elas assumem. Os povos indígenas historicamente invisibilizados e enquadrados no imaginário social brasileiro como *não parte* da sociedade civil, carente de tutelas governamentais, como da Fundação Nacional do Índio (Funai), por exemplo, estão se instrumentalizando com o potencial de conexão da internet expandindo a cosmologia destes povos, criando novas formas de aparecimento e acontecimento no mundo social. Célia, Joênia e Sônia compõem parte desta “aldeia global”, apropriando o termo de McLuhan (MCLUHAN, 1964), produzindo novos sentidos, discursos, ações e forças de visibilidade, resistência e criação, desvinculando e problematizando o ideal tutelar do Estado sob estes povos.

Esta extensão e troca de conhecimentos é o que torna possível a participação de indígenas no espaço político, mostrando que são capazes de responder por eles próprios sem ter que precisar de uma tutela do Estado, e construindo, também dentro da internet, um espaço de ativismo indígena que denuncia os abusos do Estado. Ainda sobre o processo de digitalização Eliete Pereira e Massimo Di Felice (2017) falam pontualmente sobre a participação de indígenas na esfera pública, mas principalmente sobre o caráter habitativo informativo que possui o net-ativismo dos povos indígenas:

O processo de digitalização indígena aqui descrito não coincide, portanto, somente com o importante processo de tomada da palavra destes povos, que, em seguida ao advento das mídias digitais, proporcionou aos setores historicamente marginalizados, devido ao acesso livre nos circuitos informativos, nova visibilidade e o poder de realizar por meio das redes digitais, sua diplomacia, passando a ter um papel ativo no interior da esfera pública e da sociedade brasileira. Muito mais do que isso, tal processo deve ser entendido como difusão de um novo tipo de ecologia não mais opositiva, nem antropocêntrica, cuja compreensão nos obriga a repensar os fundamentos dos conceitos de espaço, técnica, natureza e sociedade. A ecologia digital indígena



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



configura-se, de fato, como condição habitativa informativa, caracterizada por um net-ativismo que desloca continuamente os diversos elementos humanos, tecnológicos, vegetais, animais, para além dos seus limites e em direção a um devir informativo. Os significados desta interação requerem a elaboração de uma nova ideia de ativismo capaz de superar a sua dimensão subjetiva e de abrir-se à dimensão ecológica-habitativa consequente do processo de digitalização e de conexão. (DI FELICE; PEREIRA, 2017, p. 60-61)

O net-ativismo indígena, portanto, é feito não só para a afirmação da sua (re)existência, mas como forma de tomada de um espaço que também é deles por direito produzindo conteúdos, em maioria, educativos e assim “revelam-se como espelho e reflexo de si, criadores de múltiplas imagens reveladoras do processo tecno-imagético-intersubjetivo de reconhecimento da sua alteridade e singularidade” (DI FELICE, PEREIRA, 2017, p. 53). E para, além disso, a defesa por sua cultura, identidade e território é característica firme destes indígenas inseridos nas mídias sociais.

Desta forma, olhando para os três perfis no a Instagram, que registram a luta política de Guajajara, Wapichana e Xakriabá, também se pode observar a conexão que acontece entre estas mulheres com seus territórios, seus povos, seus rituais, ampliando o significado dos seus papéis na esfera pública, não somente para seus povos, mas para todos os povos indígenas dentro do território brasileiro. Por sua vez, a conexão da luta política com o território é também memória desses povos.

Produzir memória sobre si, como coletivo, como ser social, ela é um fenômeno maravilhoso. Eu acho que ela é uma ação política ativa [...] A memória é a consciência crítica. A renúncia dessa consciência crítica é você ficar em um lugar assim, tipo, patrimônio cultural [...] Porque a memória, você não consegue capturar a memória, botar ela num arquivo, botar ela num museu. O patrimônio cultural você põe ele em museu, a memória não. A memória escapa, inclusive, a nossa própria observação. Nós nos surpreendemos quando a gente consegue alcançar um sentido de memória ativa, crítica [...] E a ausência dessa memória deixa a gente refém de qualquer discurso manipulador. Ao invés de você ouvir uma mensagem e analisar ela criticamente, você adere a mensagem automaticamente no sentido afetivo, emocional e tal. Você põe uma música de fundo bem boba e umas imagens assim ‘bem



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



carente', e aí você já leva uma enxurrada de 'otário' atrás. É assim que fazem manipulação de memória também, né? (KRENAK, 2020)

Sua intensa ligação com o território influencia diretamente a forma com que interagem com o espaço de mídias digitais, porque sua memória e cultura são vivas. Desse modo, seus territórios e seus costumes são o que se conectam à internet. Trazendo a teoria da ecologia da comunicação e o conceito do habitar para a realidade da mulher indígena que está inserida no meio político partidário e do ativismo, sua atuação por meio das redes digitais se torna, em parte, um net-ativismo, que desobriga a utilização de bandeiras partidárias e coloca sua luta étnica, territorial, cultural e espiritual como componentes que completam e qualificam a forma como fazem a utilização destas redes digitais, mesmo que estejam filiadas a partidos políticos. A partir do momento que estas lutas circulam neste espaço, elas se tornam parte desta ecologia da comunicação digital, ampliando o espaço de debate, de agendamento das pautas e das políticas públicas para os povos indígenas do Brasil.

O território é para o indígena parte de sua memória, é como organismo vivo que conecta humanos e não-humanos.

Quando os povos originários se referem a um povo como 'uma nação que fica de pé', estão fazendo uma analogia com árvores e florestas. Pensando as florestas como entidades, vastos organismos inteligentes. Nesses momentos, os genes que compartilhamos com as árvores falam conosco e podemos sentir a grandeza das florestas do planeta. (KRENAK, 2020, p. 29)

Esta conexão está dentro do que se entende por cosmologia indígena, e a memória se torna viva para ser passada de geração em geração. Ailton Krenak critica a forma ocidental de educação de crianças e apresenta com mais nitidez do que se trata essa ancestralidade quando diz que "os pais renunciam a um direito, que deveria ser inalienável, de transmitir o que aprenderam, a memória deles, para que a próxima geração possa existir no mundo com alguma herança, com algum sentimento de ancestralidade" (KRENAK, 2020, p. 56), dando notoriedade para a construção social coletiva dos povos



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



indígenas. A memória indígena não é o resgate do que foi esquecido, mas sim, a continuidade dos saberes ancestrais.

Aprofundando o pensamento de memória e da ecologia da comunicação digital indígena para dentro da plataforma *Instagram*, é possível compreender que a globalização, em uma política neocolonial, contribui para a perda de identidade cultural de um povo em determinadas regiões do mundo (SOUZA; KASEKER, 2020). Contudo, como já foi exposto anteriormente, a memória indígena é viva e é ancestral, ou seja, a globalização imposta pelo mundo ocidental não conseguiu colonizar (ou extinguir) completamente as cosmologias indígenas. Dessa maneira, a ecologia da comunicação digital é percebida também pela transformação do habitar (HEIDEGGER apud DI FELICE; PEREIRA, 2017), das territorialidades indígenas (que passam a também a demarcar as redes na perspectiva deles), (re)significando as funções das plataformas (a exemplo do Instagram, de compartilhamento de imagens), como fazem Célia, Joênia e Sônia, ao atuarem politicamente nessa plataforma.

Dados da pesquisa

Célia Xakriabá tem o perfil verificado/autenticado. São 92,8 mil seguidores e um total de 3.268 publicações até o dia 9 de março de 2022. Durante o período selecionado para análise, Célia fez 69 publicações de fotos, vídeos, matérias jornalísticas e agenda de trabalho pelos doze países da Europa por onde percorreu com outras lideranças indígenas, incluindo Sônia Guajajara, na Jornada Sangue Indígena: Nenhuma Gota Mais entre os dias 17 de outubro à 20 de novembro de 2019. O tema central de suas publicações é a defesa pelo território e pela vida dos povos indígenas do Brasil, críticas à política do presidente Jair Bolsonaro, que iniciou seu mandato em janeiro de 2019 e a memória está presente em todas as publicações, seja através de elementos visuais ou textuais, que a conecta também à memória e ao net-ativismo.

Joênia Wapichana tem o perfil verificado/autenticado. São 59,5 mil seguidores e um total de 1.984 publicações até o dia 9 de março de 2022. No perfil de Joênia



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



Wapichana foi contabilizado um total de 94 publicações no período de 9 de agosto de 2019 a 9 de setembro de 2019. O conteúdo neste período está diretamente ligado à agenda e à memória, não sendo possível observar publicações de net-ativismo por existir a bandeira do partido, mesmo que de forma implícita, em publicações dos temas selecionados. Os temas abordados pela deputada federal variam entre sustentabilidade econômica para povos indígenas de Roraima, feminismo antirracista e representatividade da mulher indígena, PEC 187/2016, defesa ambiental e de território indígena, representação e participação indígena na política em eventos organizados por seu partido, e educação escolar indígena.

Sônia Guajajara tem o perfil verificado/autenticado. São 471 mil seguidores e um total de 9.541 publicações até o dia 9 de março de 2022. O período do primeiro mês da campanha Boulos e Sônia – Sem Medo de Mudar o Brasil, nas Eleições Gerais de 2018, com início em 16 de agosto até 16 de setembro, teve o total de 274 publicações. Algumas publicações possuem marcas d'água e *hashtags* referentes à campanha pela presidência do Brasil, divulgando pautas defendidas pela dupla presidencial. Um deles, abaixo, faz ligação ao agenda político, que se mistura com a memória. A figura disponível no perfil de Sônia Guajajara, traz marcadores culturais fortes para povos indígenas brasileiros, mas principalmente para esta pesquisa, como os elementos visuais da foto: cocar, grafismos, maracá, colares e os rostos de indígenas de pelo menos seis etnias diferentes. E no texto, é possível observar a defesa pelo território e a importância que ele possui para povos originários e povos tradicionais do Brasil. É possível compreender, a partir disso, que a ideia é de criar uma narrativa política partindo do que é afirmado por Ailton Krenak como conceito de memória, e do que é apresentado por Di Felice e Pereira a respeito do conceito da ecologia comunicativa digital indígena.



Figura 1 - Produto de campanha com discurso em defesa da reforma agrária, território indígena e quilombola

Fonte: Perfil no Instagram de Sônia Guajajara

Todas as publicações analisadas nesta pesquisa contribuem para o entendimento da comunicação indígena como complexas, por estarem misturadas no que é proposto em categorias de análise. Mas é possível notar que elas possuem uma fala coletiva, dentro do que se entende por memória, discursando sobre pautas e referências que vão além da cosmologia Guajajara, Wapichana e Xakriabá. Mesmo que sejam situações, partidos, lugares, etnias e vivências diferentes, o interesse que elas possuem é o de defesa do território e garantia dos direitos dos povos indígenas do Brasil, além disso, quando ocupam estes espaços de liderança, elas expandem suas redes trazendo apoiadores, outras mulheres indígenas e mesmo parlamentares, para exorcizar a imagem estereotipada do indígena como ser selvagem, sem cultura (eurocêntrica e colonialista) e não-humana. Célia faz isso quando se encontra com líderes europeus e religiosos para selar aliança pela emergência indígena na América do Sul. Joênia também registra a defesa desta cosmo-



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



política, quando mostra seu dia a dia na Câmara dos Deputados em defesa dos direitos indígenas, fazendo de sua voz uma intercessora dos interesses indígenas no Brasil. E com Sônia é notado que seu discurso de campanha sai em defesa da demarcação de terras indígenas, “Sem tekohá, não há tekó! Demarcação Já!” (Em tradução: *Sem terra não há cultura*) diz um dos seus cartazes de campanha. Estas falas as registram como seres coletivos, que fazem esta pauta em comum se tornam notável nesta pesquisa. Mesmo que seu trabalho seja feito de maneira diferente é considerando que a emergência indígena também percorre outros caminhos que ultrapassa a necessidade de demarcação do território. É também a luta pela vida e a defesa da cosmologia indígena. Porém, está diretamente ligado à territorialidade de cada um dos mais de 140 povos indígenas do país.

Sua voz ganha força ocupando espaços de decisão e poder, dessa forma, dá a visibilidade para a (re)existência dos povos indígenas e para as culturas de cada etnia de forma ampla e individual ao mesmo tempo. Com a representatividade das mulheres indígenas nesses espaços de poder e também no *Instagram*, é possível observar um aumento considerável de jovens indígenas que praticam os mesmos hábitos de (re)significação do espaço digital, citando as mesmas lutas pelo território e pelo direito de existir, dessas três mulheres estudadas nesta pesquisa, e ganhando notoriedade entre os não-indígenas. Que apesar de não existir dados sobre esses jovens indígenas, é possível medir seu alcance com o número de seguidores que acumulam, por exemplo: Alice Pataxó, ativista e comunicadora da Bahia, possui 134 mil seguidores em seu perfil verificado do *Instagram*; já Txai Suruí, também ativista indígena de Rondônia, possui 55,3 mil seguidores na mesma plataforma; Juma Xipaia, ativista indígena paraense, no perfil de sua organização para preservação ambiental, o Instituto Juma, acumula 17,1 mil seguidores; e Samela Sateremawe, de Manaus, com 48,5 mil seguidores. Ainda Cristian Wariu, do povo Xavante (MT), com 70,9 mil seguidores em seu perfil verificado; e Tukumã Pataxó, do extremo sul da Bahia, com 163 mil seguidores no *Instagram*. Além de outras e outros que aos poucos têm ganhado espaço nesta plataforma. Todos estes jovens ativistas possuem seguidores não-indígenas e comunicam em seus perfis a emergência indígena brasileira.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



O discurso indígena em mídias sociais ultrapassa os limites do que é caracterizado pela sociedade colonial não-indígena, questionando também o que é compreendido como território indígena. Analisando pela ótica da ecologia comunicativa digital e o conceito do habitar, comparando com a luta pela demarcação de territórios, é possível notar que estes territórios não demarcados fisicamente, ganham uma demarcação digital feita pelas próprias indígenas em seus discursos, denúncias e em seus registros de memória. E esta discussão surge também através de *influencers* e artistas indígenas, que ocupam espaços urbanos como favelas, por exemplo. A rapper Kaê Guajajara se apropria das ferramentas disponíveis no *Instagram* para divulgar sua música educadora, e discute pautas sobre (re)existência, o sagrado indígena, demarcação de terras e amor indígena. Tudo isso compondo um contexto complexo do habitar indígena.

REFERÊNCIAS

DI FELICE, M.; PEREIRA, E. S. **Redes e Ecologias Comunicativas Indígenas: As contribuições dos povos originários à Teoria da Comunicação**. 1. São Paulo: Paulus. 2017.

ISA. **Fundação Nacional do Índio (Funai)**. Povos Indígenas do Brasil, Instituto Socioambiental, 2021. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Funda%C3%A7%C3%A3o_Nacional_do_%C3%8Dndio_\(Funai\)](https://pib.socioambiental.org/pt/Funda%C3%A7%C3%A3o_Nacional_do_%C3%8Dndio_(Funai))>. Acesso em: 30 ago. 2021.

KRENAK, A. 1 vídeo (59:38 min). Vozes da Floresta | Ailton Krenak. Publicado pelo canal Le Monde Diplomatique Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KRTJIh1os4w>. Acesso em: 6 mar. 2022.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



KRENAK, A. A **Vida Não É Útil**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A. 2020.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação**: Como extensões do homem. 14. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix LTDA, 2005.

ROMAN, C. **Elas podem curar o mundo**. Instituto Socioambiental, 2019. Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/elas-podem-curar-o-mundo>>. Acesso em: 13 set. 2020.

SOUZA, R. M. V.; KASEKER, M. P. **Youtuber indígenas no Brasil**: Abordagens políticas e comunicativas. Ano 10. V. 2. Ed. 22. Revista Alter Jor, São Paulo. Jul/Dez 2020.

TSE. **Candidatos indígenas aumentam participação em eleições nacionais**. Tribunal Superior Eleitoral, 2019. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2019/Abril/candidatos-indigenas-aumentam-participacao-em-eleicoes-nacionais>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

VILELA, P.R. **Programa Wifi-Brasil será ampliado em 1 mil novos municípios**. Agência Brasil, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-09/programa-wifi-brasil-sera-ampliado-em-1-mil-novos-municipios#:~:text=O%20SGDC%20entrou%20em%20%C3%B3rbita,qualquer%20parte%20do%20territ%C3%B3rio%20nacional>. Acesso em: 12 nov. 2021.